



ORIENTE MÉDIO À FRANCESA

QUANDO O MUSEU do Louvre foi oficialmente aberto para o público, em 1793, já fazia quase cinco séculos que seus palácios, galerias e muralhas haviam sido construídos para acomodar a realeza francesa com toda pompa e circunstância. Repleto de pinturas e esculturas clássicas, a instituição nasceu pronta para sustentar a posição de um dos mais potentes museus do mundo. Exatos 224 anos depois, esse templo das artes ganha uma nova sede a bons quilômetros de distância e com todo o efeito embaçacante da era dos *starchitects* do século 21. O Louvre Abu Dhabi, projetado pelo maior arquiteto francês vivo, Jean Nouvel, está entre os projetos culturais mais ambiciosos do momento.

Com 55 prédios e 23 galerias, o complexo da capital dos Emirados Árabes Unidos foi inspirado numa medina que triunfa sobre as águas cristalinas do Golfo Pérsico, de onde se pode admirar de longe a gigantesca cúpula – ponto alto de sua arquitetura. Com 180 metros de diâmetro, o domo cobre quase todo o museu, com oito camadas de muxarabis que desenharam milhares de estrelas de diferentes tamanhos. Totalizando 7,5 mil toneladas de aços inoxidáveis e alumínio foi criado para formar um tipo de chuva de luz: cada raio de sol que penetra as perfurações da estrutura reflete no interior do prédio.



Jean Nouvel assina o Louvre Abu Dhabi, seu mais ambicioso projeto, que eleva a cidade a um polo de arte e cultura por Julia Flamingo

ver de seus habitantes. O reflexo da luz no seu interior, por sua vez, transforma os pátios internos em espaços agradáveis de encontro e troca entre as pessoas”, diz Nouvel à **Bazaar**. O arquiteto, que se autodenomina contextual, acredita que a paisagem e o ambiente externo de suas construções devem se prolongar para o interior do prédio. Assim, o museu é literalmente um arquipélago com piscinas preenchidas pela água do mar, onde se chega de barco ou a pé. Só não foi mantido (graças a Alá) o clima abafado do Golfo: ali dentro, a temperatura marca sempre 20° C.

“A identidade do museu é muito forte, já que está estritamente ligada à realidade de Abu Dhabi: à vegetação, ao céu, à água e ao modo de viver de seus habitantes.

Não é a primeira vez que Jean Nouvel olhou para o Oriente Médio. Ganhador do Prêmio Pritzker, já foi agraciado também com o Aga Khan, que condecora os principais projetos relacionados ao uni-

verso islâmico pela obra do Instituto do Mundo Árabe, inaugurado em 1987, em Paris. Ele também assina o complexo do Museu Nacional do Catar, em construção desde 2012, com abertura prevista para o final de 2018.

O investimento, de cerca de R\$ 2,2 bilhões, e dez anos de trabalho para erguer o novo Louvre simbolizam a união entre a França e os Emirados Árabes Unidos, forjada em 2007. Com 600 obras do acervo e outras 300 peças emprestadas de instituições francesas, como o próprio Louvre, o Pompidou e a Orangerie, a exposição de longa duração conta a história da humanidade para falar sobre a união entre culturas e civilizações.

“Arquitetura e arte são uma coisa só. Ao construir um espaço tão amplo e iluminado, eu quis aproximá-las do céu. É como se eu criasse um santuário para as mais preciosas obras de arte”, conta o arquiteto.

O museu é o primeiro da tríade que forma o distrito cultural da Saadiyat Island. Ainda em fase inicial, o Guggenheim Abu Dhabi, projetado por Frank Gehry, e o Zayed National Museum, assinado por Norman Foster, formam o anseio de transformar Abu Dhabi na capital cultural da região. Numa segunda fase, a ilha ganhará ainda um centro dedicado à performance, desenhado pelo escritório Zaha Hadid, além de um museu marítimo concebido por Tadao Ando. Ao comentar sobre a grandiosidade de tais projetos, Nouvel crava: “Não sou megalomaniaco, mas ambicioso”. □



Abaixo, coleção que integra o acervo do museu. Mais abaixo e à esq., o Louvre de Abu Dhabi. Na pág. ao lado, em destaque, Jean Nouvel

